

**Ria...se puder:  
Perspectivas discursivas para o trabalho crítico com os gêneros humorísticos em sala de aula**

Rosely Costa Silva Gomes (UESB/UFU)<sup>1</sup>

**RESUMO**

As teorias enunciativas, ao questionarem o corte saussureano, instauram novas abordagens dos fatos linguísticos, promovendo um avanço em direção aos estudos do discurso. Essa mudança de perspectiva teórica tem possibilitado a instauração de práticas de leitura onde o que está em jogo é mais do que decifrar símbolos. Inscritos no âmbito da Análise do Discurso, intentamos destacar que, por se mostrar como um meio eficaz de comunicação e por sua livre circulação e fácil aceitação, os gêneros ligados ao humor – a exemplo da piada - são frequentemente utilizados para a disseminação/ manutenção de posturas ideológicas de grupos dominantes.

**RESUMÉ**

Les théories de l'énonciation, quand on les interroge études saussurienne, ont introduit de nouvelles approches de faits linguistiques, qui a favorisé une avance vers l'étude du discours. Ce changement de perspective théorique a permis la mise en place des pratiques de lecture où ce qui est en jeu, c'est plus que des symboles à déchiffrer. Enrôlé dans l'analyse du discours, l'intention de souligner que, en se montrant comme un moyen efficace de communication et leur libre circulation et l'acceptation facile, les genres liés à l'humour – comme la blague - sont souvent utilisés pour la diffusion et l'entretien des positions idéologiques des groupes dominants.

**1. Introdução**

Num desses seus textos, cujo trecho a que faremos referência remonta aos antigos, Luís Fernando Veríssimo inquieta-nos com a seguinte constatação: *o homem é o único animal que ri do seu semelhante*. Tão antiga quanto a própria humanidade, essa é uma questão que, segundo Bérson (2001, p.1), *sempre se esquivava aos esforços, escorrega, escapa e ressurgue, impertinente desafio lançado a especulação filosófica*. Para muitos, mais interessante do que teorizar sobre o riso é simplesmente rir. Rir do caso e do acaso, do alheio, de si mesmo. Apesar de não ser esta uma tarefa que *caia nas graças* de um grande número de pessoas, correremos o risco de tentar realizá-la por considerarmos o riso como *um caso muito sério para ser deixado para os comédicos* (Minois, 2003, p.15). Assim, pretendemos colaborar no sentido de desvelar os motivos pelos quais rimos, tentando, por outro lado, evidenciar como o riso, em suas manifestações discursivas – aqui especificamente sob a forma de piada - constitui-se em poderoso instrumento de luta ideológica. Supomos que tais materialidades discursivas funcionam como uma espécie de recado, de ajuste de contas, uma espécie de *trote social*: um sujeito ao sentir o seu poder abalado por outro, transforma-o em motivo de riso, numa tentativa de coibir a sua ação. Nesse sentido, o riso é tomado como uma prática capaz de contribuir para a manutenção ou reconfiguração de grupos de poder já instituídos e socialmente bem aceitos, como também para o estabelecimento de grupos de poder emergentes.

Considerando-se a natureza do objeto tomado para estudo – o riso sob a forma discursivizada da piada – e dos objetivos que traçamos, recorreremos à Análise de Discurso como solo epistemológico, terreno propício às discussões em que se investiga a articulação entre o linguístico e o social, buscando as relações que vinculam a linguagem à ideologia, questão que será desenvolvida a seguir.

**2. O riso em perspectiva discursiva: aspectos teórico-metodológicos**

As teorias enunciativas, ao questionar o corte saussureano, instauram novas abordagens dos fatos linguísticos, promovendo um avanço em direção aos estudos do discurso. A constituição desse novo objeto reclama a indissociabilidade da relação entre o dizer e o dito, o texto e o contexto. Com isso, a análise do fenômeno da linguagem antes centrada na língua desloca-se para o discurso - ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 1995, p.12).

Muitas foram as escolas e correntes que, questionando o projeto saussureano, tomaram o discurso por objeto. A Análise do Discurso de linha francesa – cujo gesto fundador atribui-se a Michel Pêcheux – foi pensada, conforme Gregolin (2003), como *uma 'negação' e uma 'superação' do gesto separador de*

---

<sup>1</sup> E-mail: costarosely@ig.com.br

Saussure. Problematizando o corte saussureano, o fundador da AD questionava a análise que se restringia ao exame das características internas da própria língua, concebida como sistema, e que implicava no negligenciamento do lugar essencial do sujeito e da história nos estudos linguísticos. Nascia, dessa forma, o projeto de uma nova episteme, que trazia para o interior dos estudos linguísticos questões ligadas ao sujeito e ao sentido.

Na perspectiva da Análise do Discurso, o ato de comunicar não mais se restringe a uma troca de informações entre um emissor e um receptor. Nessa perspectiva, *tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades, etc.* (ORLANDI, 2001, p. 17). Inscrevendo-se em um quadro em que o linguístico encontra-se articulado com o social, a AD considera em sua análise outras dimensões, conforme Maingueneau (1997, p.13-14):

- o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação;
- os embates históricos, sociais, etc. que se cristalizam nos discursos;
- o espaço próprio que cada discurso configura para si no interior de um interdiscurso.

Assim, a Análise do Discurso considera como parte constitutiva do sentido as condições em que os discursos são produzidos (CPs), as quais serão consideradas, neste estudo, como *aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a produção do discurso* (FERNANDES, 2005, p.29), e compreenderão, pois, a situação em seu sentido amplo - como o contexto sócio-histórico-ideológico - além do sujeito, noção que será agora desenvolvida.

Ao abordarmos o discurso, relacionando-o às suas condições de produção, inserimos como temática pertinente os sujeitos envolvidos nos processos interlocutivos. Esse sujeito, longe de se referir à presença física de organismos humanos, designa lugares determinados na estrutura de uma formação social. Nesse sentido, no âmbito da AD,

importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes. (idem, p.13).

Isso implica dizer que os sujeitos funcionam a partir de uma relação imaginária com suas reais condições de existência e não têm controle total do seu dizer e do seu fazer. Isso implica dizer que

O sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso (e aqui reconhecemos a propriedade do conceito lacanianiano de sujeito para a AD), a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. (MUSSALIM, 2003, p. 110)

O sentido do seu dizer é dependente da sua inscrição ideológica, do lugar histórico-social de onde enuncia. Ao *assumir* determinada forma sujeito, *os indivíduos recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem* (PÊCHEUX, 1997, p.157). Isso nos remete à compreensão de que

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta. O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido.<sup>2</sup>

Essa mudança de perspectiva teórica, cujas repercussões se fizeram sentir no âmbito do ensino de língua e literatura, tem possibilitado a instauração de práticas de leitura onde o que está em jogo é mais do que decifrar símbolos. Trata-se de uma

---

<sup>2</sup> Glossário de termos do discurso: projeto de pesquisa: A Aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001). Orientadora: Maria Cristina Leandro Ferreira; Bolsista de iniciação científica Ana Boff de Godoy... [et al.]. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001. p. 21.

análise lingüístico-discursiva do enunciado em referência a um corpo interdiscursivo de traços sócio-históricos, tendo em conta que a incidência dos efeitos interdiscursivos apresenta a evidência de grandes variações, ligadas às modalidades da presença do discurso outro como discurso de um outro e/ou o discurso do Outro. (GREGOLIN, 2001, p. 25).

Indica a exigência de um tratamento dos textos que não os considere apenas em sua imanência, mas que os analise em referência à exterioridade que lhe é constitutiva. Daí a necessidade de recorrermos às condições sócio-histórico-ideológicas como forma de compreendermos os efeitos de sentidos que emergem de cada produção.

A fim de melhor ilustrar a tendência de leitura proposta, tomaremos como exemplo uma piada, cuja autoria não foi possível identificar, fato que para nós já deve ser considerado como de grande relevância.

### 3. Texto para análise

#### E saindo do clima da terrinha

Maguila, voltando dos EUA, foi logo ser entrevistado:

- E aí Maguila, gostou dos EUA?
- Eu gostei muito, mas assim que eu achar um tal de Well, eu encho este filho da puta de porrada.
- Ueh, mas por quê? Você conhece esse Well?
- Conhecê, eu num cunheço não, mas assim que eu achar eu parto ele em dois.
- Mas por quê, Maguila
- Porque assim que eu cheguei no aeroporto, tinha uma baita faixa dizendo: “WELL COME MAGUILA”. Ninguém sai desta vivo e já mandei até fazer uma faixa para colocar no galeão dizendo: “Maguila come Well também”.

#### 3.1. Leitura proposta

O texto que colocamos para análise pode ser facilmente localizado em sites diversos na internet e tem livre circulação. Traz a configuração de uma breve entrevista realizada com Adilson José Rodrigues, ex-pugilista brasileiro, mais conhecido pela alcunha de Maguila. Não há dados que nos permitam identificar a veracidade do fato descrito, nem mesmo a sua autoria, o que nos coloca em estado de suspeita acerca da circulação do referido texto. Partindo do pressuposto já mencionado de que “*tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades, etc.*” (ORLANDI, 2001, p. 17), não podemos ver na produção em destaque um ato desinteressado. Uma primeira questão digna de destaque diz respeito à modalidade enunciativa selecionada para tratar da questão. Embora do ponto de vista da estrutura textual, a produção configura-se como uma entrevista, os efeitos de sentido pretendidos fazem com que o texto conforme-se à modalidade da piada. Essa é uma questão que não pode passar despercebida na análise haja vista que

no momento em que o falante, o escrevente, o autor, qualquer um de nós, escolhe um plano de expressão específico para a mensagem, não apenas configura a mensagem, articulando forma e conteúdo, mas também prevê e constitui o seu leitor (BRAIT, 2003, p.15).

O fato de ter selecionado a piada como modalidade enunciativa indica que algumas questões relativas ao sentido pretendido já começam a se configurar: o objetivo da enunciação é provocar o riso, fato que o produtor pressupõe ser do conhecimento e do consentimento do leitor. A modalidade discursiva cujo formato mais se adequa ao seu intento é, pois, a piada, haja vista alguns traços que a definem: incita uma predisposição ao riso, é espaço livre para críticas de ordem diversas, não se cobra autoria com relação ao conteúdo veiculado. Trata-se, pois, de um espaço livre das interdições jurídicas. Quem poderia responder pelo conteúdo de uma piada?

Convém, para prosseguirmos a análise, questionar o motivo pelo qual Maguila transformou-se em motivo de piada. Se nossa análise se pautasse nos elementos fornecidos pelo texto em si, diríamos que o fato de o pugilista não dominar uma língua estrangeira, levou-o ao equívoco, elemento gerador do efeito de humor. Entretanto, como nossa proposta solicita uma recorrência à exterioridade constitutiva do texto, cabem outras reflexões. No que concerne ao produtor, destacamos anteriormente a impossibilidade de identificarmos o autor de tais textos. Essa questão não se configura como um problema dentro da presente proposta, visto que os sujeitos envolvidos nos processos interlocutivos não dizem respeito a indivíduos, “presenças físicas de organismos humanos”, mas a “lugares determinados na estrutura social”. E aqui mais importante do que identificar *Quem fala*, interessa-nos compreender quais o(s) posicionamento(s)

ideológico(s) que se encontra(m) aí defendido(s). E retomando a nossa hipótese de que tais materialidades discursivas devem ser analisadas como uma prática capaz de contribuir para a manutenção ou reconfiguração de grupos de poder já instituídos e socialmente bem aceitos, como também para o estabelecimento de grupos de poder emergentes, questionamo-nos acerca do posicionamento que ali se defende. E é em vista disso que recorreremos às condições sócio-histórico-ideológicas para a análise da constituição do personagem Maguila.

Maguila é um personagem situado historicamente: trata-se, como já mencionamos anteriormente, de um ex-pugilista que adquiriu ascensão financeira e fama graças às vitórias conquistadas com o boxe. Suas inúmeras aparições na mídia ainda hoje chamam a atenção por um detalhe: seu comportamento rude e de pouco refinamento, que denuncia falta de instrução, fato que geralmente é motivo de riso. Também no texto em estudo, essa questão é evidenciada. A situação instauradora do efeito de humor recai sobre o fato de o pugilista não conseguir se comunicar numa língua estrangeira, conforme já destacamos anteriormente. Mas não apenas. Maguila torna-se quase sempre motivo de piada por apresentar caracteres que tendem a questionar a legitimidade de ocupar aquela posição: apesar de famoso, Maguila apresenta um comportamento que não se enquadra dentro dos padrões de conduta exigidos àqueles que possuem o seu *status*; seu comportamento não condiz com a posição social e com imagem que comumente alimenta-se dos famosos, os quais são sempre ricos, inteligentes, modelos de beleza e sofisticação. Tudo conhecem, tudo sabem. Se considerarmos as características apresentadas, observaremos que, em algumas delas, Maguila não se enquadra. No texto identificamos o destaque a essa questão pela inserção do discurso direto, que contribui ainda mais para o processo de descaracterização do famoso:

“Eu gostei muito, mas assim que eu achar um tal de Well, eu encho este filho da puta de porrada.”

Maguila, ao contrário do esperado, expressa-se numa variedade linguística não-padrão. Tal inserção contribui para o processo de construção da imagem da ignorância (no sentido de falta de conhecimento), que, contrastando com a condição financeira do boxeador, tornou-se o motivo da piada.

Ao apontar tais traços relativos ao sujeito-enunciador, o produtor atualiza uma memória que diz sobre modos de ser e de fazer daqueles que são dignos de tal posição referendando assim uma certa representação: para ocupar aquele posto era necessário comunicar-se numa variedade linguística do padrão formal, dominar uma língua estrangeira, ter bons modos à mesa, etc. Observa-se aí uma tentativa de manutenção de um dado espaço social, o qual é assegurado por um conjunto de formulações que circulam enquanto memória dizendo quem está habilitado a ocupar tal posição e que fornecerão matéria-prima para a constituição das representações<sup>3</sup> nas quais *o sujeito se instalará, sentindo-se “aprisionado”, identificado com a completa estranheza de uma evidência familiar;* (PÊCHEUX, 1997, p.260)

Assim é que podemos dizer que *o discurso não tem como função constituir a representação fiel de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação.*(VIGNAUX, 1979 apud ORLANDI, 2002, p.73). A atitude do pugilista não se conforma com a posição que ocupa nesta conjuntura. Suas ações põem em risco todo um conjunto organizado de regras sociais; “o que está em jogo é a *identificação* pela qual todo sujeito ‘se reconhece’ como homem, ou também como operário, empregado, funcionário, chefe, etc, ou ainda como turco, francês, alemão, etc., e como é organizada sua relação com *aquilo que o representa.*” (PÊCHEUX, 1997, p. 117). É, pois, preciso reprimir as excentricidades, para garantir a conservação da norma, das convenções.

Destaca-se, com isso, que os protagonistas do discurso não devem ser considerados apenas como seres empíricos. Eles devem ser tomados como representação de lugares determinados na estrutura social.

Essas questões nos levam a poder afirmar que as escolhas de quem diz não são aleatórias. A leitura realizada tendo em vista as condições de produção do discurso não visa apenas ao estudo das formas de organização dos elementos que constituem o texto, mas principalmente as formas de instituição do seu sentido. Isso nos autoriza a afirmar que a construção do sujeito-enunciador é realizada a partir de elementos do interdiscurso: observemos que os traços que o compõem encontram-se em consonância com o que nos é dado pelo interdiscurso acerca da atuação dessa forma-sujeito no período. Assim, seja no recorte dos temas risíveis, na construção dos personagens, tudo parece concorrer para a manutenção de certas representações de grupos de poder já instituídos e socialmente bem aceitos. Nesse sentido, mesmo que os fatos expostos em sua produção não sejam reconhecidos enquanto verdade histórica, ainda que fossem narrados *para fins intransitivos e não para agir diretamente sobre o real* (BARTHES, 1988, p.65), ao serem concebidos como

<sup>3</sup> Representação diz respeito, neste estudo, aos modos pelos quais em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais. (Cf. CHARTIER, 1996).

risíveis, atuam como elementos capazes de impelir ou impedir a transformação de uma dada realidade, de uma dada representação. Isso porque, como já afirmamos, o sujeito, na perspectiva da AD, funciona a partir de uma relação imaginária com suas reais condições de existência e não tem controle do seu dizer e do seu fazer. Ao *assumir* determinada forma sujeito, *os indivíduos recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem* (PÊCHEUX, 1997, p.157) e também do que riem. Como as demais práticas do sujeito, também o seu riso é governado pelas formações ideológicas que o constituem sujeito. Isso se torna claro se pensarmos que não rimos de tudo, nem de todos. Não rimos das mesmas coisas em todas as épocas. Os temas risíveis em certo período, em certa cultura, não o serão em outro/outra. O seu riso é, assim como os seus dizeres, um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social: o sujeito ri a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo. É em vista disso que podemos pensar na seleção dos temas como elementos que denunciam uma posição. O que nos revela o fato de se tomar a ignorância e o jeito rude do pugilista como motivo de piada? Revela-nos a defesa de uma posição ideologicamente oposta a tais condições, posição esta ocupada pelo sujeito-produtor. Na verdade, o que não foi dito mas que se encontra no âmbito do pré-construído é: Quem é Maguila para viajar para os EUA? Como pode ele frequentar tal sociedade se não domina a senha de passagem para o primeiro mundo? O fato de ter “furado” essa barreira na estrutura social e não ter sofrido o processo de *assujeitamento* às condições impostas por aquele grupo, transforma-o em motivo de chacota.

Isso nos daria subsídios para dizermos que estamos diante de um projeto que responde aos interesses de uma dada representação que transformam os famosos em arquétipos artísticos. Poderíamos, com isso, dizer que a piada aqui analisada apresenta-se como instrumento eficaz na contenção de forças opositoras às representações hegemônicas, na defesa das tradições e da ordem estabelecida. Ela se manifesta como forma de legitimação/conservação de uma dada representação do real. Sua manifestação ocorre como uma força capaz de intervir no avanço de forças opostas. Assim, para refrear tal possibilidade, transforma-se o sujeito em objeto de riso, numa tentativa de garantir a manutenção da unidade. Com isso efetua-se o processamento da exclusão, e, como consequência, a perda do sentimento de pertença: todo sujeito necessita perceber-se como membro de um grupo que o inclui e lhe dá sentido: *nenhum homem é uma ilha, sozinho em si mesmo; cada homem é parte do continente, parte do todo*<sup>4</sup>. Os homens são, assim, seres sociais e não criaturas isoladas. É aqui justamente que se concentra todo o poder do riso enquanto procedimento de exclusão: ele é capaz de provocar fissuras nos processos identitários, já que o eu, ao ser tomado por objeto de riso, passa a não mais ser identificado enquanto parte de um todo. Ele se torna objeto de riso justamente pelo rompimento com a estrutura que o constitui. Daí a sensação de constrangimento provocada naqueles que são tomados por seu alvo.

Todavia, já sabemos que os sentidos não são cristalizações, pois “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2006, p. 53); Assim, mesmo diante de um projeto que ideologicamente responda pela manutenção de determinadas representações, é possível a produção de certos efeitos de sentido que concorrerem para a sua reconfiguração. No caso da piada em estudo, essa possibilidade não está descartada. Os efeitos de sentido que daí resultará serão múltiplos. Isto porque, além do sentido não ser da ordem de um dado, mas construído historicamente, também o leitor coloca-se nesta perspectiva como “uma das posições que o sujeito assume no discurso”, pois

Todo sujeito move-se em um discurso guiado pela relação que construiu com os textos lidos em sua história de leitor, ou seja, constituindo-se dentro de uma memória social de leitura. Assim, ao ser colocado diante de um discurso, o sujeito leitor está sendo impelido a interpretá-lo (...) e esse movimento de leitura estará necessariamente vinculado às condições sócio-histórico-ideológicas que o envolvem e que determinam tanto o leitor e sua formação, quanto a leitura a ser feita por este sujeito.

Além disso, é pertinente destacar que “... todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento de seu espaço”. (PÊCHEUX, 2006, p. 56-57).

Em vista disso, podemos indicar pelo menos outro sentido possível que contribui para o estabelecimento de grupos de poder emergente. Ou seja, ao aventar-se a possibilidade de um sujeito

<sup>4</sup> Por John Donne, poeta inglês do século XVI.

ignorante, sem instrução, rude, *instituir-se* num lugar social antes reservado a sujeitos que se colocavam como modelo de beleza, refinamento, etc, faculta-se a reconfiguração dos saberes próprios às representações dominantes dos famosos pela incorporação de novos elementos e/ou apagamento de outros já consolidados. Esse efeito de sentido decorre de um processo de identificação do sujeito-leitor com aquele que é posto como objeto da piada. Como um texto é sempre lido em referência a outros, o sentido de escárnio que se colocaria como um convite ao *recolhimento à sua insignificância* cede lugar a um processo de popularização crescente daquela nova forma-sujeito que se configura. Isto porque

Tornar-se sujeito não é somente o crescimento do poder físico, do poder do corpo; é também o reconhecimento da valorização de uma imagem. É, portanto, o jogo dos modos de subjetivação que fazem e desfazem uma identidade, tecendo outra, desmontando e remontando os dados que definem o campo dos possíveis, agenciando, além disso, o direito e a capacidade, o texto e a realidade, as palavras e os corpos. (DEL PRIORI, 1997, p. 272)

Esse é o sentido que tem prevalecido nas aparições de Maguila. Longe de mostrar-se constrangido com as chacotas a que é submetido quando das suas apresentações públicas, tem utilizado positivamente o fato para se promover. Nesse sentido, o riso ao invés de colocar-se como instrumento de imobilismo, como força capaz de impedir o avanço de forças opostas, como princípio de exclusão, como princípio de resistência, promoverá a reconfiguração das relações estabelecidas entre os sujeitos de uma dada conjuntura. A conduta do pugilista, regulada por um conjunto de saberes oriundos de outras formações discursivas, coloca em tensão o conjunto de saberes que regula a assunção daquela forma-sujeito, o que se dá pela desconstrução de uma certa imagem acerca dos famosos que predominavam no imaginário popular em favor da construção de uma outra imagem na qual se enquadra, abrindo, com isso, espaço para a sua reconfigurações nas relações sociais.

Isso nos mostra que no processo de constituição dos sentidos tanto a instância produtora quanto a receptora devem ser levadas em consideração na avaliação dos efeitos de sentido identificados em cada produção. Questões que se mostram pertinentes para a perspectiva aqui esboçada dizem respeito à inscrição socioideológica do produtor, o lugar (social) de onde ele enuncia, à maneira como constitui cada um dos enunciadores a quem dá voz nas materialidades produzidas, bem como aos efeitos de sentidos que podem ser apreendidos de tais materialidades considerando-se as condições de sua produção. Acreditamos que tais questões (e não apenas estas) nos permitiriam compreender o funcionamento dessas modalidades discursivas que circulam anonimamente e que, conforme expusemos na introdução, vem se configurando como um poderoso instrumento de luta ideológica.

#### 4. Considerações Finais

A proposta aqui esboçada pretendeu apresentar elementos que nos permitissem uma leitura crítica das materialidades discursivas ligadas à produção de humor. Tais elementos consistem nas condições de produção do discurso. A partir desses elementos - os quais, conforme já evidenciado comportam os sujeitos envolvidos nos processos interlocutivos e as condições sócio-histórico-ideológicas de produção - acreditamos ter sido possível demonstrar como se dá a deriva dos sentidos, evidenciando o papel tanto do produtor quando do leitor nesse processo. Espera-se ter evidenciado com a presente proposta que toda produção, e no caso em destaque aquelas ligadas ao humor, trazem as marcas de um posicionamento ideológico que tanto pode contribuir para a manutenção de forças hegemônicas numa dada conjuntura como para a transformação das relações sociais. No caso da piada utilizada como objeto de análise, destacamos que essas marcas se materializaram na seleção da variedade linguística, dos temas selecionados para a produção, da modalidade selecionada para enunciação. Parece-nos razoável frisar que tais seleções realizadas pelo sujeito não abrem espaço para concepções defendidas por teorias que se apoiam na noção de consciência como *poder sintético unificador, centro e ponto ativo de organização das representações que determinam seu encadeamento* (PÊCHEUX, 1997, p. 173); que tendem a acreditar na possibilidade de o sujeito planejar completamente o seu dizer, não estando sujeito aos efeitos da opacidade da linguagem.

Considera-se razoável finalizar este estudo comentando sobre a importância dessa alternativa de leitura. Ela nos coloca frente a realidades que uma leitura que considerasse o texto apenas em sua imanência não daria conta. Quantos preconceitos camuflados, dos quais rimos sem nos apercebermos. Quantas “falsas verdades” proclamadas e, pela maioria, acatadas simplesmente pela imagem que temos do seu produtor.

Acreditamos que este estudo, realizado pelo viés da AD, poderá propiciar o desenvolvimento de um olhar crítico em relação aos gêneros discursivos que circulam socialmente, apontando ainda para a necessidade de se desenvolver gestos de leitura diferenciados para cada um desses. As abordagens que consideram a linguagem apenas em relação a sua materialidade linguística tendem para uma uniformização

do tratamento dado aos gêneros discursivos. A perspectiva da AD aponta para o desenvolvimento de abordagens diferenciadas que consideram a natureza do gênero posto para leitura, os propósitos do leitor, etc. Num momento em que se observa o desenvolvimento de posturas favoráveis aos discursos de respeito à diferença, necessário se faz desenvolver uma atitude crítica diante de discursos que se encaminhem em direção contrária, a exemplo dos gêneros que se valem do humor. A enunciação desses gêneros provoca uma predisposição ao riso. É preciso, portanto, levar as pessoas a refletirem sobre o motivo do riso, a fim de evitar que formas de preconceito e exclusão social encontrem eco a partir da proliferação do gênero.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 7. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. Prefácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BERGSON, Henri. **O riso**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAIT, Beth. Estudos lingüísticos e estudos literários: fronteiras na teoria e na vida. In: FREITAS, A.C.; CASTRO, M.F.F.G. (org.). **Língua e literatura: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2003. p.13-23.

CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DEL PRIORI, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: FLAMARION, Ciro. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História – Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DORNELES, Elizabeth Fontoura. Nas representações do sujeito os vestígios da partição. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000. p. 168-175.

FERNANDES, C. A.. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas , 2005.**

GREGOLIN, M.R.V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.A.; SANTOS, J.B.C. **Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 21-34.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3.ed. Trad. Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. **Introdução à lingüística : domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 101-142.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso – Princípios e procedimentos**. 4.ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3.ed. Trad. E.P. Orlandi [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 4 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.